



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola

Por FERNANDO BANDEIRA FERREIRA.

É o Rossio do Carmo, em Mértola, local célebre entre os arqueólogos, especialmente entre aqueles que se dedicam ao estudo do período dito lusitano-bárbaro.

Com efeito, foi aí que escavações fortuitas realizadas, em data ignorada mas talvez não muito anterior a 1877, por um tal Manuel de Oliveira, boçal proprietário de um quintal aí situado (1), puseram a descoberto várias sepulturas paleocristãs com inscrições que, no ano indicado, foram recolhidas por Estácio da Veiga e posteriormente estudadas e publicadas por este ilustre arqueólogo, no seu opúsculo *Memoria das Antiquidades de Mertola*, escrito em 1879, e por outros autores nacionais e estrangeiros, entre eles Emil Hübner.

Desses epitáfios citarei, a mero título de exemplo, o de Satírio (2) que estava «quasi a um metro de fundura» e «cobria a sepultura de um homem de estatura corpu-

(1) «Manuel de Oliveira, excavando o seu quintal no Rocio do Carmo, achou este monumento e mais alguns, que irei citando;...» (cf. Estácio da Veiga, *Mem. das Antig. de Mertola*, p. 97).

O epíteto de boçal que damos ao referido proprietário não é excessivo, pois, ao encontrar as inscrições, partiu-as e utilizou-as quase todas como material de construção de um muro de resguardo do mesmo quintal.

(2) Estácio da Veiga, *ob. cit.*, n.º 4; Hübner, *Inscriptionum Hispaniae christianarum supplementum*. Berlim, 1900, n.º 312; etc.

lenta» (1), o de Romano (2) e o de Glandário (3), «cobrindo uma sepultura em que havia ossos» (4).

Entusiasmado com a riqueza arqueológica do local mas dispondo de pouco tempo para efectuar escavações em larga escala, Estácio da Veiga aí procedeu, em 1877, ao que hoje chamaríamos sondagens que ele descreve rapidamente na *Memoria* e menciona, também por alto, no vol. II das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*.

Eis as suas próprias palavras naquela obra:

«...Assim como descobri n'uma rapida excavação que fiz no Rocio do Carmo o logar em que parece ter existido a primitiva igreja christã d'aquella epocha, sendo para sentir que não tivesse tido o preciso tempo para explorar todo aquelle campo [mortuário] (5), ainda riquissimo em caracteristicos archeologicos.» (p. 21).

«Outro descobrimento importante verifiquei no Rocio do Carmo.»

«A pouca distancia do quintal de Manuel de Oliveira, parecendo-me ver vestigios de uma parede arrazada, mandei fazer uma ligeira excavação, e achei em profundidade de 0,50 m uma base de columna de marmore branco,... Logo em seguida appareceu tambem um grande fragmento de gradaria, ou de janella, tambem de marmore,... e observei igualmente uns restos de grossa parede, e muitos

(1) E. da Veiga, *ob. cit.*, p. 103.

(2) E. da Veiga, *ob. cit.*, n.º 7; Hübner, *ob. cit.*, n.º 311; etc.

(3) E. da Veiga, *ob. cit.*, n.º 8; Hübner, *ob. cit.*, n.º 307; etc.

(4) E. da Veiga, *ob. cit.*, p. 111. Sobre fragmentos de outras inscrições encontradas e partidas — ou achadas já partidas — pelo famigerado Manuel de Oliveira, v. E. da Veiga, *ob. cit.*, n.ºs 1, 2, 9, 10, 11, 12 e 13. O epitáfio do presbítero Afrânio (n.º 13-A de Estácio da Veiga e n.º 302 de Hübner) provém talvez também do Rossio do Carmo mas Estácio da Veiga não é a respeito suficientemente claro.

(5) Este «campo mortuário» estendia-se, segundo declara Estácio da Veiga (pp. 21, 33, 89 e 95), da igreja do Carmo até a ermida de S.º António. Além da aludida escavação no Rossio do Carmo, Estácio da Veiga explorou, em 1877 igualmente, uma pequena zona «quasi em frente» dessa ermida (cf. pp. 33, 34 e 119-121), onde, também por acaso, se tinham descoberto sepulturas com epitáfios paleocristãos.

pedaços de varios materiaes de construcção. Foi junto deste edificio, que julgo ter sido um templo, que Manuel de Oliveira,... achou um monumento assás valioso, cobrindo a sepultura de um presbytero que havia governado a sua igreja (in presbyterio) durante treze annos e que fallecêra na era de 527 (1),...» (p. 91).

Estácio da Veiga refere-se a este templo ainda nos seguintes passos da *Memoria*, mas sempre como hipotético:

«...pois n'esse espaço [entre o Rossio do Carmo e a ermida de S.º António] foram descobertos todos os monumentos [epigráficos] de que adiante darei noticia e os vestigios de um edificio, que parece ter sido um templo, de que não havia memoria, nem tradição local.» (p. 89).

«Não parece, pois, duvidoso ter o templo existido alli [no Rossio do Carmo], a pouca distancia da igreja do Carmo, e que dentro e em torno d'elle se faziam os enterramentos.» (p. 105).

«...o monumento [n.º 7, isto é, o epitáfio do presbítero Romano]... achado por Manuel de Oliveira junto á sua casa no Rocio do Carmo, e portanto era contiguo aos vestigios do templo que parece ter alli havido.» (p. 109).

Na escavação em causa, Estácio da Veiga parece ter explorado também algumas sepulturas, mas o seu texto não é suficientemente claro:

«65. Caixa, contendo restos de maxillares, encontrados nas sepulturas exploradas em 1877 rente ao flanco esquerdo da estrada real n.º 18 de Mertola para Beja, quasi em frente da ermida de Santo Antonio, e nas que foram achadas junto ao Rocio do Carmo.»

(1) Estácio da Veiga refere-se aqui ao epitáfio de Satírio já por mim mencionado.

«66. Numerosos fragmentos de ossos, extrahidos das sepulturas christãs do quinto ao setimo seculo, exploradas em 1877 entre a ermida de Santo Antonio e o Rocio do Carmo.» (pp. 33-34).

Note-se que, ao referir-se às sepulturas da área da ermida de S.^{to} António, Estácio da Veiga diz «exploradas em 1877» e quando menciona as do Rossio do Carmo escreve simplesmente «achadas», sem datar o achamento. Não é, pois, improvável que os maxilares das sepulturas deste último local tivessem sido recolhidos durante as escavações fortuitas empreendidas pelo Manuel de Oliveira que os teria dado ou vendido a Estácio da Veiga. Quanto ao segundo parágrafo transcrito, é tão vago que dele nada de positivo se pode concluir.

No II vol. das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, publicado em 1887 e escrito ou pelo menos revisto nesse mesmo ano, Estácio informa-nos:

«Não tive tempo em Mertola para pôr á vista a celebre igreja myrtilense, cuja séde reconheci, nem o seu vasto cemiterio contiguo, d'onde podéra ter extrahido numerosos craneos...» (p. 500).

De todos os passos transcritos da *Memoria* pode-se, pois, concluir que, em 1877, Estácio da Veiga fez rápidas sondagens no Rossio do Carmo, encontrando restos dum edificio (uma grossa parede, uma base de coluna, um fragmento de gradaria e vários materiais de construção) e talvez algumas sepulturas mas em número certamente reduzido, porque os maxilares delas exumados não chegaram sequer para, encher uma caixa — a n.º 65 — que ainda comportou os extraídos das tumbas da área da ermida de S.^{to} António.

Do passo das *Antiguidades* que citei parece poder-se inferir que Estácio da Veiga não realizou até 1887 novas investigações no Rossio do Carmo ⁽¹⁾, porque o mesmo

(1) Segundo ele próprio declara na *Memoria* (p. 139), Estácio da Veiga voltou a Mértola em 1879 mas dirigiu as suas atenções para outros monumentos, nomeadamente a cisterna do castelo.

relata uma exploração apressada que é certamente a de 1877, embora esta data aí se não indique.

No entanto, durante esse período novas investigações, talvez fortuitas, talvez intencionais, foram feitas, porque se descobriu, em 1886, «ao pé da igreja do Carmo, no quintal de Manoel de Oliveira» ⁽¹⁾, o epitáfio do presbítero Simplício publicado, não já por Estácio da Veiga, mas por Emil Hübner logo em 1887 ⁽²⁾.

Seria também por essa época que se teriam encontrado «about fifty meters south of the Church del Carmo in the burial ground» do Rossio do Carmo e constituindo «the cover of a cist made of slate slabs to which it was cemented», o epitáfio de Hilarino, estudado primeiro por Richard Swarley Thorpe ⁽³⁾ e depois por Leite de Vasconcelos ⁽⁴⁾, e mais algumas inscrições, das quais cinco foram oferecidas ao Museu Etnológico em 1895 ou pouco antes ⁽⁵⁾.

Em 1891 falecia Estácio da Veiga e na sua obra publicada depois de 1887, ou seja os volumes III e IV das *Antiguidades*, também não encontrei referências a quaisquer explorações feitas por ele no Rossio do Carmo ou em qualquer outro ponto de Mértola.

Contudo — e as considerações que se vão seguir parecem-me importantes —, Estácio da Veiga, depois

(1) Cf. *O Arch. Port.*, VII, p. 144.

(2) Cf. *Rev. Arch. e Historica*, I, p. 64. V. também *O Arch. Port.*, I, pp. 181-182; Hübner, *IHCS*, n.º 313; *O Arch. Port.*, VII, pp. 144-145; Leite de Vasconcelos, *Relig. da Lusit.*, III, pp. 583-584. É talvez também a este epitáfio que se refere o inglês Richard S. Thorpe, transcrito num pequeno artigo de Leite de Vasconcelos adiante citado, publicado n' *O Arch. Port.*, I, p. 311.

(3) Cf. *O Arch. Port.*, I, p. 311, onde Leite de Vasconcelos transcreve passos de um artigo desse autor britânico.

(4) Cf. *O Arch. Port.*, I, pp. 7-9. V. também Hübner, *IHCS*, n.º 308.

(5) Cf. *O Arch. Port.*, I, p. 314. Duas delas são as de Amanda (cf. *O Arch. Port.*, III, p. 290 [n.º 3], e Hübner, *IHCS*, n.º 303) e Tibério (cf. *O Arch. Port.*, III, p. 291 [n.º 4], e Hübner, *IHCS*, n.º 314). V. a este respeito *O Arch. Port.*, V, pp. 243-244.

Sobre a data do descobrimento de outras inscrições como a de Britto, mandada para Newcastle-on-Tyne por Warden e publicada por Bruce (*Proceedings of the Soc. of Antiq. of Newcastle*, III [1888], n.º 25), nada pude apurar. A respeito desta inscrição, ver também *Rev. Arch. e Historica*, I, p. 65; *O Arch. Port.*, I, p. 181; Hübner, *IHCS*, n.º 305; etc.

de 1879 ou mais provavelmente depois de 1887, ainda voltou a ter contacto com Mértola e com as antigualhas do Rossio do Carmo, porque à data da morte tinha em seu poder uma lápide que a família veio a vender, antes de 1897, a Leite de Vasconcelos ⁽¹⁾ que a publicou n' *O Archeologo Português* ⁽²⁾. Trata-se da muito interessante inscrição de *Andreas*, «princeps cantorum sacrosancte aeclisiae Mertilliane», que este autor diz ter sido «in *Rocio do Carmo Myrtili reperta*» e que não é sequer mencionada na *Memoria das Antiquidades de Mertola* ⁽³⁾.

II

O que acabo de referir era até há pouco o único elemento que podia constituir um indício — aliás ténue — de uma escavação no Rossio do Carmo, feita ou mandada fazer, depois de 1887, por Estácio da Veiga e que ele teria conservado inédita ou por a sua atenção estar toda dirigida para a redacção das *Antiquidades Monumentaes do Algarve* ou por qualquer outro motivo.

Quando a meu pedido a direcção do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos me autorizou a estudar e publicar as plantas mandadas levantar por Estácio da Veiga e que ele destinava a ilustrar os volumes das *Antiquidades* que se seguiam ao IV, achei no meio delas um rectângulo de tela fina acastanhada, já manchada e quebradiça, de bordos esfarrapados, com as dimensões máximas de 0,875 x 0,315 m, que contém, na escala de 1:200, a *Planta do Rocio da S.^a do Carmo em Mertola. Estudo archeologico*, conforme se lê no seu canto superior esquerdo.

A planta (fots. 1 e 2) é desenhada a tinta preta, com perfeição que revela hábil desenhador. Notarei aqui que as legendas que a ilustram estão escritas em dois tipos

(1) «De familia Statii da Veiga emptam [inscriptionem] in Museum Ethnologicum transtuli.» (cf. *O Arch. Port.*, III, p. 292).

(2) Cf. vol. III, pp. 292-293.

(3) Sobre o epitáfio, v. também Hübner, *IHCS*, n.º 304, e Leite de Vasconcelos, *Religiões*, III, p. 582.

diferentes de letra, o que, contudo, pode não implicar dois desenhadores.

A ausência de esquadria e de orientação leva-me a crer que se trate ou de um ensaio ou de planta definitiva mas inacabada, o que julgo menos provável.

Ao contrário do que sucede com quase todas as outras plantas, publicadas ou ainda inéditas, de Estácio da Veiga, esta não tem número nem está assinada.

A área representada abrange o Rossio do Carmo, com os edifícios anexos e a igreja do Carmo, e ainda uma parte do já referido quintal de Manuel de Oliveira — com um troço do célebre muro onde este meteu as inscrições —, as extremidades orientais da rua da Senhora das Neves e da rua Larga e um troço da «Antiga estrada de Mertola a Beja».

Mas, o interesse primacial da planta reside, como é evidente, em representar, a SW da igreja de N. S.^a do Carmo, as paredes de dois ou três edifícios arruinados e nada menos de 51 ou 52 sepulturas (v. sobretudo fot. 2).

O mais oriental desses edifícios parece ser constituído por um compartimento ⁽¹⁾ — a que chamarei, para maior facilidade de expressão, [A₁] ⁽²⁾ —, de paredes com espessuras de 0,60 e 0,80 m, que deveria ter sido rectangular, com mais de 13 metros de comprimento por 6,6 m de largura, compartimento que comunicaria com outro hemicircular com 2,9 m de raio e paredes de 0,60, 0,80 e 1,00 m de espessura. Designarei este compartimento por [A₂].

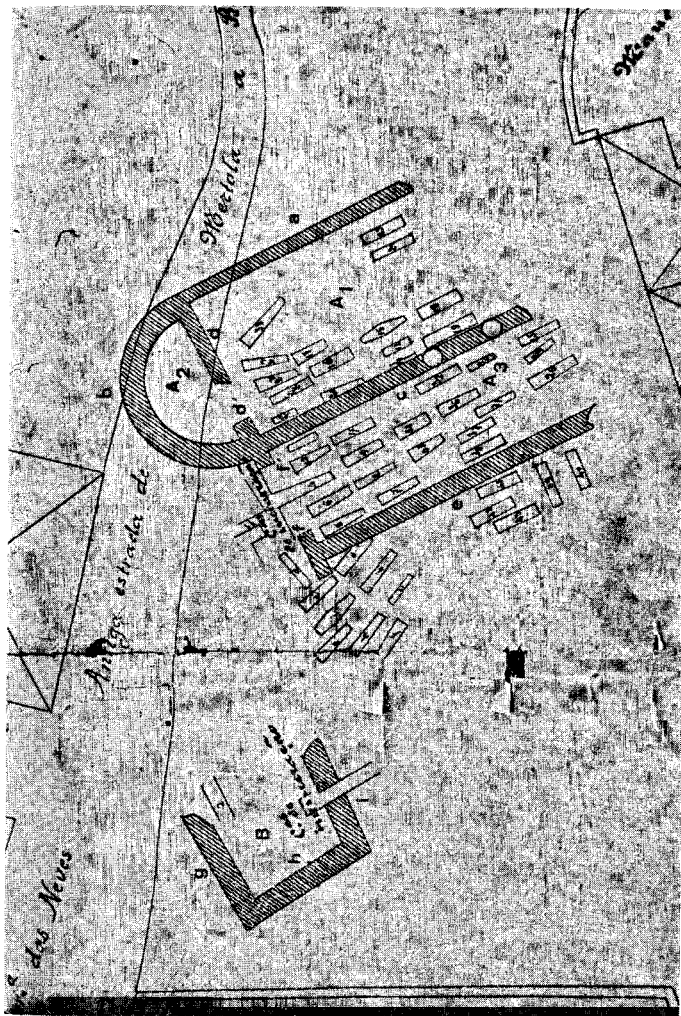
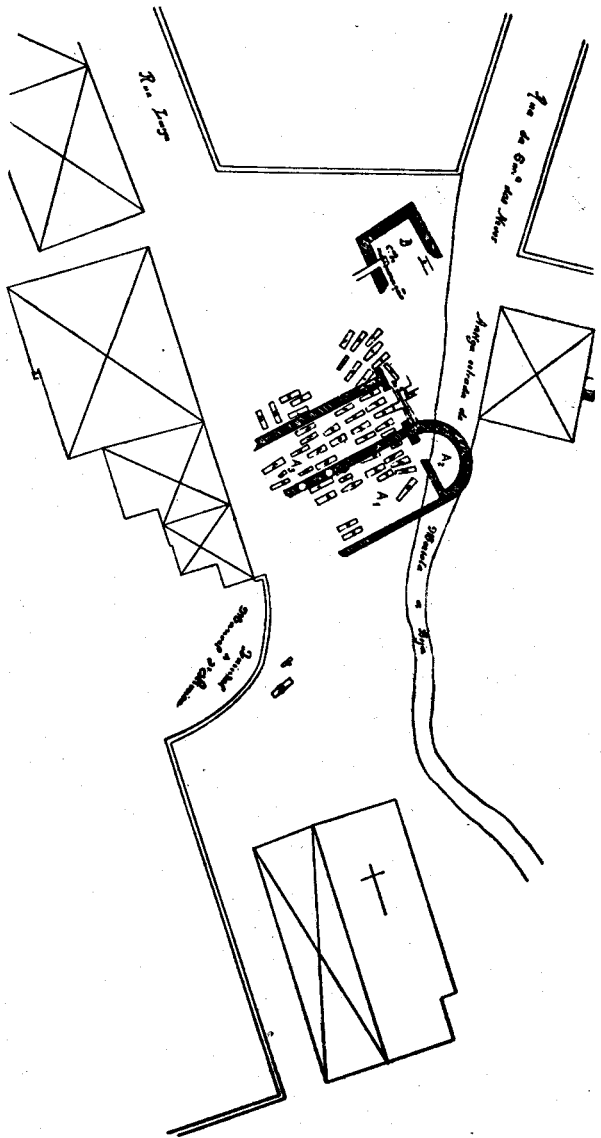
Na parede sudoeste [c] de [A₁], o desenhador inscreveu duas circunferências que sugerem a representação de bases de colunas. No âmbito do compartimento [A₁], estão desenhadas quinze sepulturas de planta rectangular, trapezoidal ou hexagonal, com os números 13-24, 33, 43 e 46. Todas elas têm a orientação aproximadamente WNW-ESE ⁽³⁾.

(1) O emprego deste vocábulo de significação vaga é intencional.

(2) Para completa diferenciação, as letras que acrescentei à planta são, no texto, inclusas em parênteses rectos.

(3) Sobre a orientação das sepulturas paleocristãs, v. F. Cabrol, *Diction. d'arch. chrét. et de liturgie*, III (2.^a parte), s. u. *cimetière*, col. 1642.

Fot. 1



Fot. 2

Paralela e a sudoeste da parede [c] encontra-se delimitada uma outra parede [e], com cerca de 13 m de comprimento e 0,80 m de espessura, rematada pela parede [f], de 2,2 por 0,60 m, que lhe é normal. As paredes indicadas formam o que chamarei, por agora, um «recinto» de pelo menos 13,4 m de comprimento por 4,6 m de largura, que denominarei [A₃], onde estão representadas, com a mesma orientação das acima mencionadas, mais 19 sepulturas, todas rectangulares ou trapezoidais, com os números 2, 4, 6-9, 12, 25-26, 29-32 e 34-38, e mais uma não numerada, junto da parede [c].

A WNW de [A₃] delimita-se por linhas simples um pequeno espaço irregular. Parte dele parece ocupado pela sepultura 11, incompletamente representada, e nele foi inscrita a legenda «C^{as} de incineração» (1). Será o resto de ustrina de cemitério pré-cristão?

Continuando para sudoeste, seguem-se dois grupos de sepulturas «exteriores», um contíguo ao topo WNW de parede [e] e à parede [f], outro junto do troço ESE daquela parede. O primeiro compreende as sepulturas *a* a *i*, nove, portanto. A assinalar a circunstância de a sepultura *a* estar cortada ou encoberta pela parede [e] e a orientação quase norte-sul da sepultura *d*. O outro grupo abrange apenas cinco sepulturas numeradas de 39 a 43. Delas as n.ºs 39 e 40 têm a orientação NE-SW aproximadamente.

Todo o conjunto que acabo de descrever abrange uma área de uns 380 metros quadrados com o seu centro a cerca de 32 m a sudoeste da fachada da igreja de N.^a S.^a do Carmo.

A poucos metros a oriente da parede [a], mais duas campas, a 27 e 28, com orientação leste-oeste também aproximadamente.

As ruínas que designarei por [B] são constituídas por três paredes, [i], [h] e [g], de 1,00 m de espessura, que delimitam um espaço de 4,40 m de largura, onde se lê de novo «C.^{as} de incineração». A mencionar dois segmentos

(1) O desenvolvimento da abreviatura só poderá ser conjectural: «câmaras» — como sugeriu o Arq.^{to} Gustavo Marques, quando este estudo foi lido na Sociedade de Geografia de Lisboa —, «covas», «campas»?

de recta paralelos com o número 2 — resto de canalização? (1) — e uma espécie de corredor de 3,60 m de comprimento por 0,60 m de largura que corta a parede [i].

Deixando de parte as ruínas [B] cujo significado me escapa — poderão ser também relíquias de ustrina, como a legenda sugere —, não há dúvida de que os restos representados na planta em estudo constituem um conjunto funerário importante, estreitamente relacionado com um edifício que, pela sua planta e pela sua orientação — WNW/ESE —, deve ser o templo paleocristão, cuja existência Estácio da Veiga admitiu na *Memoria das Antiguidades de Mertola*.

Nesta hipótese, tratar-se-ia de uma basílica com os seus túmulos interiores e exteriores, da qual [A₁] seria a nave central, [A₂] a abside e [A₃] uma das *plagae* — a *australis* —, separada da primeira por colunas, como era regra, cujas bases assentariam na parede [c] que, com a [d] e o seu prolongamento [d'], faria parte dos alicerces (2).

Além da orientação quase leste-oeste do edifício, a posição do hemiciclo a ocidente também apoia notavelmente a hipótese de se tratar duma basílica, pois, como é

(1) Sepultura incompletamente representada não deve ser, porque, como referi, há uma campa com esse número no recinto [A₃].

(2) As paredes [d] e [d'] poderiam estar relacionadas com a cripta que, por vezes, existia debaixo do altar e onde estavam depositadas as relíquias do santo a que a basílica era dedicada.

Acrescentarei que, dentro da hipótese, o «fragmento de gradaria» encontrado em 1877 poderia pertencer a uma janela da basílica e a base de coluna, achada na mesma ocasião, constituir o resto — muito pobre — das colonatas de separação entre a nave central e os pastofórios. Sobre o uso, em basílicas, de lajes com decoração geométrica vazada nas janelas, v., por exemplo, F. Cabrol, *ob. cit.*, II (1.^a parte), s. u. *basilique* (cl. 590-91).

Sobre enterramentos em basílicas paleocristãs, v. também Cabrol, *ob. cit.*, III (2.^a parte), s. u. *cimetière*, especialmente o § V, *Cimetières dans les églises* (cols. 1641-45), onde se lê: «A Tipasa, tout autour de la basilique de Sainte Salsa, se voit un grand cimetière à ciel ouvert. A l'intérieur même de la basilique, il existe une cinquantaine de tombes sans compter celles qui peuvent se trouver dans la partie non fouillée...» (cf. col. 1641). V. a planta, tão elucidativa, dessa basílica mauritânica na col. 689 do artigo *Afrique (archéologie de l')*, no t. I, 1.^a parte (1907), da *ob. cit.* de F. Cabrol. Não quero deixar de salientar a grande semelhança dessa planta com a que analiso no presente estudo.

sabido, as basílicas do Ocidente tiveram, até o século VIII, a abside virada a poente e, pelas inscrições recolhidas no local, de que mencionei algumas, torna-se admissível que a igreja em questão datasse pelo menos do v século (1).

A hipótese é aliciente mas luta com certas dificuldades, das quais salientarei, em primeiro lugar, a relação entre as larguras das pretensas naves central e lateral e, em segundo, a diferente espessura das paredes [a] e [c].

Em contra-partida, a legenda «C.^{as} de incineração» que se encontra junto de [A₂] e de [A₃] não a impugna, pois, como já referi, ela só pode estar relacionada com o espaço irregular que fica a WNW das paredes [f] e [f'], espaço que seria, como admiti, o resto de uma ustrina de cemitério pagão, junto ou sobre a qual se teria construído, mais tarde, uma igreja cristã.

Mas — e este é o problema que aqui mais nos interessa — que escavações reflecte a planta em estudo? Parece-me evidente que elas não podem ser as que Estácio da Veiga efectuou em 1877, por razões de vária ordem de que apenas indicarei as seguintes por as julgar suficientes:

1 — as escavações de 1877 foram «rápidas», «ligeiras», para usar a própria adjectivação de Estácio da Veiga (cf. *Memoria*, pp. 21 e 91), não tendo ele tido «tempo... para pôr á vista a... igreja... nem o seu vasto cemitério contíguo» (2).

Ora a planta que estudo traduz trabalhos de amplitude muito considerável (3) ou o resultado de várias campanhas. E ocorre-me perguntar: se em 1877 se tivessem exumado as 51 ou 52 sepulturas que se representam na planta teria bastado menos de uma caixa para acondicionar os maxilares obtidos?

(1) Sobre a orientação das basílicas paleocristãs, v., por exemplo, o artigo já citado *basilique*, cols. 565-68.

(2) Cf. *Ant. Mon. do Algarve*, II, p. 500.

(3) Embora pouco ordenados como o demonstram a irregularidade da numeração das sepulturas — a n.º 24 está ao lado da 46, a n.º 2 fica entre a 7 e a 9, etc. — e o terem atribuído o mesmo número a sepulturas diferentes — há duas sepulturas com o número 17 e duas com o número 13 ou 43. Este facto pode, contudo, ser devido a falta de cuidado do desenhador da planta. Vem a propósito referir que não estão indicadas na planta as tumbas n.ºs 1, 3, 5, 10, 44 e 45.

2 — se a planta tivesse sido levantada em 1877, por que não a teria Estácio da Veiga publicado ou sequer mencionado na sua *Memoria*, onde escreve, a pp. 80, que se restringiu «a mandar levantar a planta da secção limitada pela chamada ponte da villa e pelo campo mortuario de S. Sebastião, aggregando-lhe o desenho de uma parte central do pavimento de mosaico que havia descoberto no castello...», planta esta que incluiu, de facto, nesse opúsculo? (1).

Parece, pois, poder-se concluir que, à data da publicação da *Memoria*, a planta que examinei não tinha sido ainda levantada.

Julgo que ela também não possa relacionar-se com as escavações que, em 1895 e 1908, Leite de Vasconcelos promoveu e fez no Rossio do Carmo (2). Maximiliano Apolinário que realizou as primeiras limitou-se a descobrir não muito mais de catorze sepulturas e a explorá-las, não havendo, quer no seu relatório, quer nos escritos publicados por Leite de Vasconcelos a respeito dessas explorações, qualquer referência a um templo. Acresce que o fundador do Museu Etnológico publicou, na p. 242 do vol. V d' *O Arch. Port.*, uma pequena planta sem escala em que se representa um grupo dessas sepulturas, grupo que difere em mais de um aspecto de qualquer dos figurados na planta em estudo. Basta dizer que das onze campas dessa planta seis são infantis, portanto de dimensões muito reduzidas, enquanto das 51 ou 52 sepulturas da planta em análise apenas quatro têm menos de 1,30 m de comprimento.

(1) É curioso assinalar que, na p. 81, referindo-se a esta planta diz: «A estampa d'esta planta vae no fim». Contudo, na meia dúzia de exemplares da *Memoria* que conheço — dos quais quatro da Biblioteca Nacional de Lisboa —, ela está no princípio do livro. É também a esta planta geral que Estácio da Veiga se refere a pp. 89 e 95 da mesma obra.

(2) Acerca delas, v. *O Arch. Port.*, V, pp. 242-243, XIII, pp. 380-381, e XXIV, p. 257; *Religiões*, III, pp. 582-583; L. de Vasconcelos, *Historia do Museu Etnologico Português*. Lisboa, 1915, p. 330; *Arquivo de Beja*, I, fasc. 2, p. 99 (artigo de Luís Chaves); etc.

Também em Janeiro de 1897, Leite de Vasconcelos realizou escavações em Mértola, mas ignoro em que zona da vila. V. a respeito *Hist. do Museu Etnol. Port.*, p. 318.

Quanto aos trabalhos de 1908, sabemos que eles levaram à exumação de várias campas, algumas com inscrições, mas não consta que pusessem a descoberto qualquer edifício importante (1).

Outras escavações, pelo menos de certa amplitude, além das já citadas do Museu Etnológico, não devem ter sido feitas no Rossio do Carmo até 1913, porque Leite de Vasconcelos, sempre muito bem informado, certamente as teria mencionado no volume III das *Religiões*, que foi impresso nesse ano. Direi ainda que, na obra em referência, o seu autor não menciona qualquer basílica no Rossio do Carmo, o que me parece concludente.

E, considerado o estado de alteração da tela em que a planta está desenhada, dificilmente se poderá admitir que ela seja posterior a 1913. Acrescentarei que os autores que depois dessa data se referiram a escavações no Rossio do Carmo — como Luís Chaves, *loc. cit.* — não citam quaisquer outras posteriores às de 1908.

Por tudo o que expus parece-me poder concluir que a planta, cujo estudo vou terminar, é o resultado de escavações realizadas por Estácio da Veiga ou por sua ordem em data que situarei hipoteticamente entre 1887 e 1891, escavações durante as quais poderia ter sido descoberto o epitáfio já citado de *Andreas*.

Seja porém como for, ela tem o considerável interesse de documentar o descobrimento dos restos da que poderá ter sido uma das mais importantes basílicas paleocristãs do território português.

Lisboa, Junho de 1964.

(1) V. *Religiões*, III, pp. 582-583.